



## **FORMAÇÃO DO LEITOR: A APRENDIZAGEM DA LEITURA EM SALA DE AULA**

Amanda Karla Viana da Silva

*Universidade Estadual da Paraíba – e-mail – [am.karla@hotmail.com](mailto:am.karla@hotmail.com)*

Ercília Maria Dantas Vidal

*Universidade Estadual da Paraíba – e-mail – [emdvidal@gmail.com](mailto:emdvidal@gmail.com)*

Eduarda de Fátima Dantas Vidal

*Universidade Estadual da Paraíba – e-mail: [edu\\_dadantas@hotmail.com](mailto:edu_dadantas@hotmail.com)*

### **RESUMO:**

Abordando a leitura na prática escolar, deparamos com várias dificuldades na busca de leitores pensantes e críticos. Diante de tal realidade buscamos, através de análise bibliográfica e empírica, traçar um possível perfil da leitura no 9º ano de uma sala da rede estadual da Paraíba, destacando o papel professor/aluno e apresentando tanto a biblioteca quanto o livro didático, quando bem utilizado, como ricos instrumentos de apoio para formar leitores conscientes. A partir dessas discussões, devem-se apresentar diversos pontos de vista, possibilitando assim, debates e discussão entre os alunos de forma planejada. Assim, percebemos que esse triste cenário de ensino da leitura presenciado nas salas de aulas atualmente, só sofrerá alterações quando observarmos posturas mais efetivas-consistentes de professores, observando e respeitando as particularidades de cada aluno. Dessa forma, fundamentando-se na hipótese de que a escola, como agente formador de leitores, depara-se com alunos desinteressados e desmotivados, cabendo a ela atitudes que possam desenvolver nos alunos o potencial crítico para ler.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Aluno; Professor; Sala de aula.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo retrata a realidade de uma sala de aula específica situada na zona rural da cidade de Campina Grande - PB, servindo de parâmetro para uma análise sobre alguns problemas encontrados na prática de leitura em salas de aulas no ensino público. A leitura é essencial a todas as disciplinas escolares. Dessa forma a cada ano, o aluno precisa desenvolver cada vez mais sua capacidade de



ler. Dessa forma é a parceria aluno/professor que torna o resultado do ensino e da aprendizagem da leitura em sala de aula sejam os melhores possíveis. Percebe-se nos dias atuais grandes dificuldades por parte dos alunos no ato de fazer qualquer leitura crítica em qualquer gênero textual e demonstrar interesse pelo que foi lido. Pode-se até atribuir uma parcela de culpa à falta de incentivo dos pais, professores e até mesmo da sociedade. Dando à leitura também um caráter de prática social abusando da ideia de que “Um país se faz com homens e com livros”, como escreveu Monteiro Lobato e assim, descaracterizando tão somente como processo individual, a leitura ganha espaço diferente na visão de mundo através do ato de ler, capaz de formar seres pensantes. Ressaltando que nessa busca de leitores críticos, um bom começo é oferecido pelo poder de incentivo por parte da família e de docentes apresentando textos diversificados que traduzem claramente sua realidade, buscando assim, uma suposta identificação do texto/leitor. Serão objetivos de nossa pesquisa mostrar a realidade da prática de leitura vivenciada por alunos da rede pública; discutir aspectos como a dificuldade na leitura encontrada em salas de aula; destacar o poder de influência do docente; apresentar a biblioteca como um rico instrumento de apoio à leitura; o uso adequado do livro didático e destacar a importância da leitura no contexto social. Com essas discussões buscamos apresentar um quadro real do processo de envio/recebimento na perspectiva professor/aluno sobre leitura em sala de aula. Para que esse trabalho lograsse êxito foi realizada pesquisa tanto no campo teórico como empírico. Para tanto, contamos com a participação efetiva de uma sala de aula em uma escola pública. Observa-se nesse trabalho o processo teórico/empírico se entrelaçando a todo momento. Mesmo não se dando conta, a compreensão do mundo a nossa volta, em várias perspectivas, já ganha caráter de prática de leitura como observamos em: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2008, p. 11).

## **METODOLOGIA**

Assim, na busca do leitor consciente deve levar em consideração a realidade cotidiano do aprendiz, esperando disso um reflexo positivo no processo de conhecimento e interpretação das palavras e frases escritas. Maria Helena Martins (1986) também afirma que o ato de ler vai além da escrita. “Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo”. (MARTINS, 1986, p14). A escola escolhida para realização da entrevista foi a E.E.E.F.M. Isabel Rodrigues de Melo localizada no distrito de Galante – PB, que obteve com resultado no IDEB divulgado em 2012 a última classificação do estado. A sala escolhida foi uma turma de 9º ano do turno da manhã, na disciplina de Língua Portuguesa ministrada por uma professora que já leciona há 10 anos sendo ela responsável por gramática, redação e linguagens. Após uma conversa informal, a respeito do que se tratava a pesquisa, como professora responsável da turma escolhida para o projeto, foi solicitado que respondesse uma entrevista com 15(quinze) questões discursivas sobre seu convívio com a leitura, sua prática de leitura aplicada por ela em



especial nessa sala de aula e 10 sobre o que seria, na opinião dela uma prática eficaz. A professora levou as questões para sua residência me devolvendo respondido 2 (dois) dias após. A sala de aula usada para nossa observação, sugerida pela professora responsável, que a partir de agora classificaremos de PR, foi também a escolhida para nossa pesquisa, por acreditar que poderia ser encontrada certa maturidade que não seria encontrada em séries anteriores. Antes da apresentação da turma, conversei informalmente com a PR sobre o que possivelmente, na visão dela, encontraríamos na sala de aula e sobre seu método de trabalho. No primeiro contato com a turma foi possível perceber se tratar de uma sala de aula bem atípica dos grandes centros na rede pública, onde observamos na maioria das vezes salas superlotadas em ambientes pichados com palavrões e alunos enfurecidos. Nela observamos um local agradável, tratando-se ainda de uma escola nova, sala de aula espaçosa composta por apenas 12 alunos, mas só estavam presentes 10(dez) que se colocavam no fim da sala, encostado na parede como se sentissem acuados. A professora lá na frente da sala perto do quadro negro e entre eles um espaço enorme. Não se pode afirmar tratar-se de uma prática comum ou se foi só naquele dia. Após a explicação, através de conversa informal, do que se tratava minha presença na sala deles, foram repassadas as informações necessárias para iniciar o trabalho. Buscando traçar um paralelo sobre as respostas apresentada pela PR elaboramos também um questionário para ser respondido pelos alunos dessa sala de aula. Nesse momento todos os presentes resolveram contribuir sem apresentar nenhuma objeção à proposta. No questionário apresentado, solicitou-se que respondessem a 5(cinco) perguntas reflexivas sobre sua relação com a leitura, sua prática de leitura e como eles classificariam uma prática de leitura eficiente(leitor crítico e não tão somente decodificadores) como podemos classificar que “Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem” (QUINTANA, Mário).

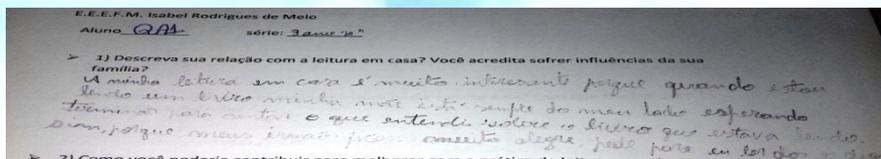
Os alunos responderam em sala de aula, e em alguns minutos me devolveram com suas opiniões expostas. Dentre os 10 questionários respondidos, selecionamos apenas 5(cinco) para evitar repetição excessiva de informações. Assim, escolhemos para o nosso trabalho aqueles que mais apresentavam controvérsias, visando a encontrar o motivo para tantos desencontros na área de leitura. A partir de agora nomearemos aleatoriamente os questionários dos alunos escolhidos como QA1, QA2, QA3, QA4 E QA5; o questionário da professora responsável de QPR e quanto às questões de ambos de Q1, Q2, Q3... obedecendo a sequência apresentada anteriormente. Assim, a partir de agora, iremos fazer uma comparação questão por questão das respostas apresentadas pela professora e pelos alunos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

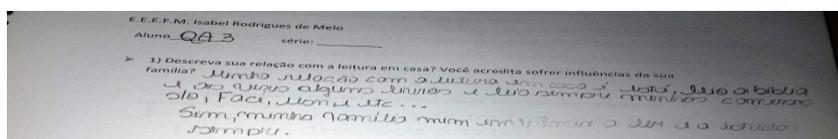
Querendo traçar um perfil do leitor que estamos trabalhando questionamos na Q1 do QPR e no QA sobre sua real relação com a leitura em casa e sobre possíveis influências sofridas pela família, pois sabe-se que e a família não pode exigir uma coisa que não oferece. Também acredito que o exemplo seja ainda a forma mais eficaz de ensinar algo, então se não for apresentada aos filhos de forma rotineira a leitura de bons livros será improvável que esse gosto seja despertado em casa. O caminho mais perto para tal objetivo será contar com



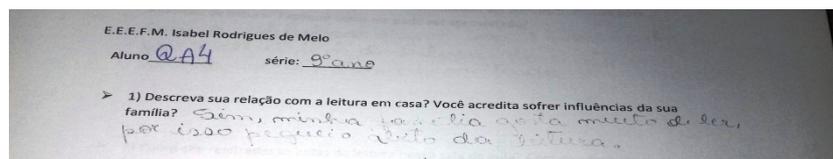
trabalhos eficientes de professores em escolas que sejam capazes de suprir tal necessidade. Observamos que a maioria dos alunos alegou que a família é bastante participativa no aspecto de leitura em casa, assim 3(três) dos 5(cinco) entrevistados classificam como boa sua leitura em casa, classificamos então de certa forma positiva essa atitude. Observamos ainda que o QA1 relata que tudo o que for lido por ele é esperado um entendimento para ser repassado para sua mãe e ainda sendo capaz de trazer alegrias para seus irmãos;



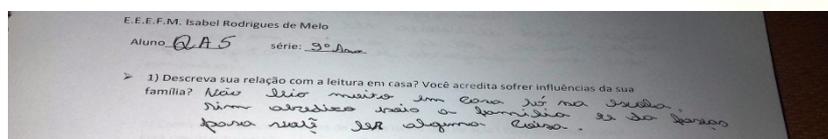
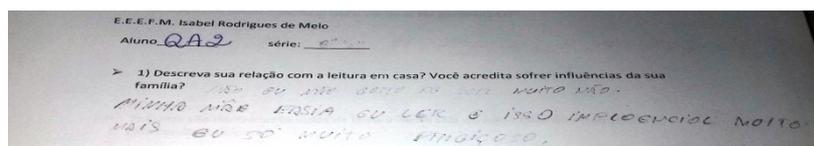
no QA3 é citada a leitura da Bíblia e de textos em redes sociais:



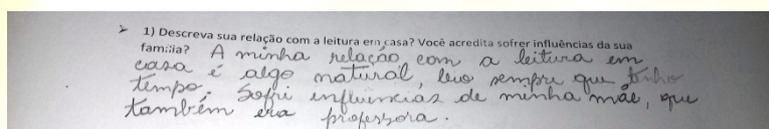
o QA4 estabelece uma relação de exemplo causador do hábito da leitura:



já os QA2 e o QA5 se dizem não leitores em casa apesar de apelos dos familiares:



Na mesma questão proposta apresentada para PR foi relatado sofrer grandes influências da mãe que também era professora e lia bastante em casa:

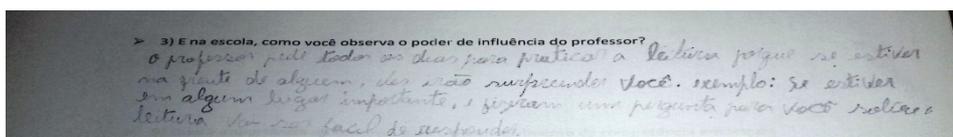




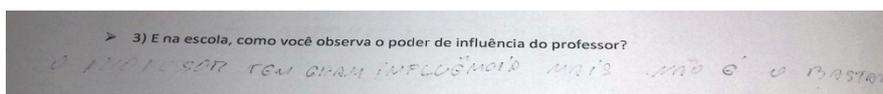
Na Q2 acreditando que se faz necessário um investimento pessoal, silencioso, contínuo e também, coletivo na leitura perguntou-se em ambos os questionários algumas formas de contribuição para melhora da prática de leitura na sala de aula. Obtivemos uma ideia central em que todos solicitam mais espaço para leitura sendo: mais tempo durante as aulas, aquisição de mais exemplares, mais espaço nas aulas para indicações feitas por alunos e espaço para ler sobre os assuntos que eles se interessassem. Tais sugestões também são defendidas nos PCNs:

O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que lêem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás. (PCNs, 1998; p. 17)

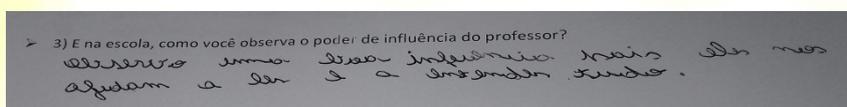
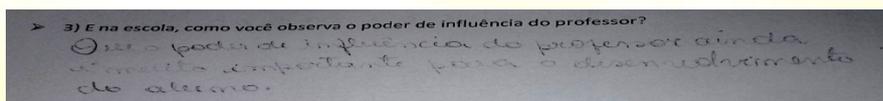
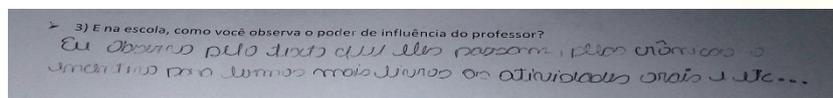
Na possível contribuição dada pela PR vemos que ela ressalta a conscientização dos alunos para a importância da leitura na sociedade. Fazer o leitor perceber que a leitura está presente em todas as esferas sociais, seria satisfatório, pois, acabaria de uma vez com a limitação que restringe a leitura à escola. A Q3 dos dois questionários objetiva encontrar qual seria de fato esse poder influenciador do mestre em sala de aula. Entendendo cada resposta: no QA1 é descrito a solicitação feita pelo professor para praticar a leitura;



o QA2 vem expondo que o professor tem seu poder de influenciar mas acredita que o mesmo seja o bastante:



já nos QA3, QA4 e QA5 colocam-se como bastante influenciados nas práticas vivenciadas e na importância dessa influência.





A PR aposta numa relação de parceira entre professor e educando, fundada no diálogo. Acreditamos que esse “poder” ainda recaído sobre o professor tem grande influência e para obter êxito e tornar de fato em uma influência positiva precisa-se entrar em ação constantemente, tentando de formas individuais e obedecendo cada especificidade do aluno, construir significados para leitura e seus textos; mobilizando-os para uma leitura onde repertórios dos alunos também sejam aceitos e que o professor seja apenas mediador nesse processo; esquecendo um pouco as aulas de leituras tradicionais onde alunos apenas decodificam e buscar construção de sentidos na leitura de seus textos como também textos de outros. Desse modo, o processo de formação de leitores é considerado a tarefa árdua, mas necessária para que o leitor sinta-se seguro do seu entendimento em textos de diversos gêneros.

Em busca dessa prática de leitura eficaz, perguntamos na Q4 aos entrevistados se eles já presenciaram essa prática na sua sala de aula e se mudariam alguma coisa. As respostas foram estas:

> 4) Você acredita que a prática de leitura usada em sua sala de aula está sendo eficaz?  
Explique. Você mudaria alguma coisa? O quê?  
*sim, porque conseguimos entender o que se trata o que estamos lendo.  
mas, eu não mudaria nada se não iria ter graça.*

> 4) Você acredita que a prática de leitura usada em sua sala de aula está sendo eficaz?  
Explique. Você mudaria alguma coisa? O quê?  
*Acredito que sim, pois o forma um que o professor,  
aplica suas técnicas em sala tem sido muito satisfatório.*

> 4) Você acredita que a prática de leitura usada em sua sala de aula está sendo eficaz?  
Explique. Você mudaria alguma coisa? O quê?  
*Sim, eu não mudaria nada, pois, está sendo  
muito eficaz a leitura na sala de aula.*

> 4) Você acredita que a prática de leitura usada em sua sala de aula está sendo eficaz?  
Explique. Você mudaria alguma coisa? O quê?  
*sim, ent-oi pois  
trabalho meus alunos com  
muitas outras atividades.*

nos QA1, QA3, QA4 e QA5 percebe-se que se encontram satisfeitos com a prática vivenciada por eles e alegam que não precisaria mudar nada, só o QA2 diz não acreditar que a prática de leitura utilizada em sua sala de aula seja eficaz, deixando de esclarecer o que está faltando, mas também diz que não mudaria nada.

> 4) Você acredita que a prática de leitura usada em sua sala de aula está sendo eficaz?  
Explique. Você mudaria alguma coisa? O quê?  
*não tá bom*

No discurso da professora, observa-se que está em comunhão com a maioria dos entrevistados, acreditam sim, está oferecendo dentro de suas possibilidades uma prática eficiente. Não deixando de lado as necessidades individuais dos alunos, perguntamos na Q5 do QPR sobre uma educação igualitária, o PR acredita que não presencia, devido à particularidades de cada um.

> 5) Devido a relatos presenciados por você sobre a prática de leitura de outros professores, você acredita referir-se à uma prática educativa igualitária? Justifique.  
*Não. Existem muitas situações diferentes  
e cada um se posiciona conforme  
suas necessidades.*



Deixando claro que para formar esse “leitor desejado” um trabalho em conjunto faz-se necessário uma ação em todas as esferas. Assim algumas condições precisam estar presentes para o processo de leitura inicial de sucesso, elencamos agora sugestões apresentadas nos PCNs:

- Dispor de uma boa biblioteca na escola;
- Dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- Possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se tratam de histórias tradicionais já conhecidas; 15
- Quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um; (PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª Série, 1998; p. 17)

Quanto ao uso da biblioteca espera-se que o pontapé inicial seja dado pelo professor, pois seu uso deve ser amplamente explorado para que seus alunos tomem gosto pelas leituras diversas, servindo como propagadoras da função social do ato de ler conforme (FREIRE, 2008, p.22), “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”. Para tal prática, é preciso ser proporcionado pela escola um contato rotineiro do aluno/leitor ao espaço da biblioteca, considerando-a um espaço perfeito para uma leitura que os ensinassem a ler. Apesar de tantos benefícios oferecidos pela biblioteca, ainda é comum nos depararmos com escolas que usam suas bibliotecas apenas como depósitos de livros. Chamo a atenção para o fato de que essa realidade não é universal, existem, sim, escolas que sabem aproveitar esse espaço para garantir contato ativo aluno/livro melhorando assim índices de leitura, dado isso é claro, com a prática. Percebendo isso em: “Se é praticando que se aprende a nadar, Se é praticando que se aprende a trabalhar, É praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender E aprender para praticar melhor”. (FREIRE, 2008 p.47).

Assim, um lugar propício para a biblioteca ser instalada deve ser sempre confortável, arejado e acessível a todos servindo de convite de retorno aos seus visitantes. Aceitando e apoiando a sugestão dos PCNs sobre a biblioteca tentamos investigar na Q5 no QA o uso da biblioteca na escola observada. Todos declaram que a escola dispõe de biblioteca, opiniões variadas só em relação a sua utilização. Para essa questão obtivemos tais respostas no QA1 fala sobre as visitas de alunos e ex-alunos que segundo o mesmo são constantes;



5) Na sua escola tem biblioteca? Se tiver, escreva a sua utilização? Como é feita essa visita?  
Sim, a biblioteca da minha escola é muito frequentada por nós alunos, e por alguns que não são da escola e agora estão fazendo curso, sempre há pessoas de fora lá para uma pesquisa eles vão para a biblioteca de nosso colégio.

Já o QA2 apresenta uma triste realidade ao declarar “não gostar” e que seu acesso ao ambiente só se deu para outros fins:

5) Na sua escola tem biblioteca? Se tiver, escreva a sua utilização? Como é feita essa visita?  
Eu não gosto de ir lá só fui lá uma vez pra ficar com um livro.

O QA3 solicita outros exemplares, clama até para que o interesse dos alunos seja levado em conta:

5) Na sua escola tem biblioteca? Se tiver, escreva a sua utilização? Como é feita essa visita?  
Sim. Temos uma biblioteca. Uma vez eu fui lá e pedi para pegar um livro para ler. Mas acho que deveria haver mais livros que interessasse mais os alunos. Alguns mais atuais.

No QA4 observamos que a frequência à biblioteca se dá apenas em aulas vagas e intervalos ( não observa um tempo reservado para tal fim):

5) Na sua escola tem biblioteca? Se tiver, escreva a sua utilização? Como é feita essa visita?  
Sim, tem uma biblioteca. Nos intervalos ou aulas vagas, temos livre acesso a ela.

E por fim no QA5:

5) Na sua escola tem biblioteca? Se tiver, escreva a sua utilização? Como é feita essa visita?  
Sim, mas não nos ajuda muito lá não gostei tanto de ir lá não sei quando voltar que foge alguma leitura.

Deparamo-nos com um aluno totalmente desmotivado, adequando sua visita à sua necessidade de pesquisa. Segundo Paulino (2001, p.156), “as leituras, em sua diversidade, mobilizam emoções, incitam reflexões, transmitem conhecimentos, envolvendo, como se viu, diferentes saberes. Se os textos se diversificam, também as leituras devem ser diferentes” e

O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás. (PCNs, 1998; p. 17).

Assim, nota-se a importância de estabelecer alternâncias entre leituras espontâneas e pedagógicas, esquecer por vez práticas só valorizar as indicadas pelo professor. Diz Zilberman (1999, p.41):

A obra de ficção avulta como modelo por excelência da leitura. Sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira fechada e completa. Pelo contrário. Sua estrutura, marcada pelos vazios e pelos



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

inacabamentos das situações e figuras propostas, reclama a intervenção do leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor. À tarefa de decifração implanta-se outra: a de preenchimento, executada particularmente por cada leitor, imiscuindo suas vivências e imaginação.

Considerando a prática real das aulas de leitura observamos:

(...) a aprendizagem da leitura (assim como a da escrita) deve ser realizada em situações reais, onde tenha uma função social concreta, e que a tarefa do aprendiz seja basicamente a de buscar o sentido do texto; (...) a leitura como construção singular, de cada sujeito, mas que ocorre com maior potencialidade em situações reais, vividas em grupo, com um objetivo claro e coordenado pela intervenção do professor (JOLIBERT, 1994, p. vii). 19

Esse contato com a diversidade de textos, mesclando entre os textos clássicos da escola e os textos presentes no cotidiano dos alunos fará com que eles percebam sobre o valor do uso dos textos lidos. Este panorama sugere que a participação efetiva do professor, pois:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 1986, p.34)

Antes de qualquer conclusão vale destacar que esse papel de formador de leitor, percebido na fala do A4 não recai tão somente sobre os professores de Língua Portuguesa e sim nos demais professores de todas as disciplinas, construindo um processo de interdisciplinaridade, são um tanto responsáveis para formação de alunos leitores, ideia essa também defendida nos PCNs: “deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura”. A PR diz trabalhar com a leitura de forma periódica a partir de conteúdos, não especifica como, mas alega que a timidez de alguns alunos possa atrapalhar o desenvolvimento de suas aulas.

Focando a partir de agora no papel desenvolvido/esperado pelo docente no uso do livro didático tentaremos encontrar situações que possam enriquecer/ilustrar nossa pesquisa. Nesse contexto, observou-se fora da entrevista, por meio de conversa informal, que o livro didático é ainda como o recurso mais utilizado nessa sala de aula, cabendo ao professor tomar cuidado para não se tornar apenas um “funcionário” desse livro didático, servindo apenas para seguir seu cronograma, suas etapas já prescritas e sem se preocupar nas especificidades de aluno, deixando de estabelecer adequações necessárias para sua aplicação. Assim sendo a leitura e a escrita passam a ser voltadas como “instrumentos de aquisição de conteúdos escolares, cuja finalidade se encerram nos limites da própria situação escolar, ou seja, de ensino e aprendizagem.(MORTATTI, 2000, p. 48).

O estímulo do professor é importante para que seus alunos consigam perceber e reconhecer a leitura como uma prática social e ser em capazes de identificar o papel da leitura, para ampliar seus conhecimentos



em relação a sua comunicação no mundo em que vive, não se limitando à aprendizagem que é oferecida em livros. Sendo o ambiente dado para esse feito sua sala de aula, através de uma aprendizagem sólida e coletiva capaz de conscientizar seus alunos para o sucesso também fora do âmbito escolar. Nesse papel de selecionar textos individuais ou coletivos que chamem a devida atenção dos alunos, ao ponto de despertar o gosto pela leitura, buscamos textos conforme Lajolo (2002, p. 15) descreve que esse texto tem que contemplar o seguinte requisito “Ou um texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer sobre nossas aulas”. Assim, o livro didático deve ser oferecido aos alunos como mais um recurso auxiliador no processo de aquisição da leitura e não como processo finalizado.

## **CONCLUSÃO**

Objetivando formar leitores críticos, os professores devem trabalhar diferentes tipos de textos privilegiando também as experiências de leituras dos alunos. Assim, deixando de lado por algumas vezes os livros didáticos e abrindo-se para o trabalho com o mais variado possível de tipos de texto, aceitando também sugestões dos alunos. Para tanto, deve-se apresentar diversos pontos de vista, possibilitando assim, debates e discussão entre os alunos de forma planejada. Pautando-se na compreensão teórica e nos resultados apresentados ao longo das entrevistas, esse artigo apresentou, de forma positiva, algumas reflexões sobre a leitura, observando: a realidade da prática de leitura vivenciada por alunos da rede pública; discussão sobre aspectos que dificultam a leitura encontrada em salas de aula; destaque para o poder de influência do docente; apresentação da biblioteca como um rico instrumento de apoio à leitura e apresentar a importância da leitura no contexto social. Esse artigo fundamentou-se na hipótese de que a escola, como agente formador de leitores, depara-se com alunos desinteressados e desmotivados, cabendo a ela atitudes que possam desenvolver nos alunos o potencial crítico para ler. Sugere-se nesse artigo, de acordo com reflexões apresentadas: desenvolver práticas pedagógicas transformadoras, buscando encontrar o limite de mediação do docente na conquista do aluno leitor; a visita constante à biblioteca, observando nela como espaço acolhedor e que sejam elaborados projetos de incentivos da leitura (obedecendo a aspectos particulares de cada escola) que aproximem cada vez mais os alunos dos livros.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: três artigos que se completam. 49 ed., São Paulo: Cortez, 2008.

JOLIBERT, J. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MORTATTI, M. do R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. In: Cultura escolar: histórias, práticas e representações. Cadernos cedes, Campinas/SP, n. 52, p.41-54, 2000.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. – Brasília : A Secretaria, 1998.

PAULINO, Graça. Tipos de textos, modos de leitura. São Paulo: Formato, 2001.

ZILBERMAN. R. Sociedade e democratização da leitura. In: BARZOTTO, V. H. (Org.).

Estados de leituras. Campinas/SP: Mercado de letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.p.31-45.